

# O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor  
 José dos Santos Pedrozo Junior  
**A LIBERAL** — Officina Typographica  
 Rua de S. Paulo 216

Sabbado 16 de dezembro de 1899

Assignatura paga adiantada  
 Lisboa, 3 mezes . . . . . 300 reis  
 Provincias, 6 mezes . . . . . 680 »  
 Numero avulso . . . . . 60 »  
 Anuncios preço convencional

## O TRANSVAAL

V

Quando encerrávamos o nosso artigo, de ha quinze dias, e no proprio momento em que elle ia ser publicado, o ministerio da guerra, inglez, fazia conhecer telegrammas officiaes noticiando uma brilhante victoria alcançada, em Modder River, pelo seu afortunado general Methuen. Haviam sido quatro dias consecutivos de marchas e combates, e tudo havia corrido, até ahi, de maneira que as apparencias eram as de ter mudado por completo a sorte da campanha, inclinando-se finalmente a victoria para o lado da Inglaterra. Pelo menos, era o que se deprehendia do tom emphatico dado aos telegrammas officiaes, tom que os adversarios da causa boer exaggeravam ainda, comprazendo-se em tirar d'essas noticias as peores consequencias.

Em *post-scriptum* registrávamos a importante informação da ultima hora, sem todavia nos mostrarmos sensivelmente abalados com ella, vista a desconfiança em que o telegrapho nos tem posto, noticiando os acontecimentos, antes pelos desejos de cada um, do que segundo a realidade com que são passados.

E, depois, nunca nos pareceu, nem parece, por muitas surpresas que da Africa do Sul nos possam vir, que a lastimosa campanha ali travada seja reductivel a qualquer formula de simplicidade, que tenda a pôr-lhe termo rapido, inclinando-lhe deliberadamente as vantagens em um dos sentidos.

Noticias posteriores, confirmativas dos primeiros telegrammas, mostraram que a *empreitada gloriosa* de Methuen, como nós lhe tínhamos chamado, foi effectivamente um feito militar, que ficará memoravel, e que podia ser o inicio de um grande e irresistivel triumpho para as armas inglezas, se as condições em que ellas ali teem de combater lhe não fossem tão contrarias.

Lord Methuen deu testemunho de ser um chefe prompto, resolute, capaz de um arrojado golpe de mão, sabendo dispôr da consistencia das suas tropas, e podendo obter d'ellas verdadeiros milagres. Mas todo o seu esforço lhe foi quebrado, por fim, e ao cabo de um resultado ephémero, mais ainda pelas difficuldades insuperaveis da natureza e pela falta de elementos proprios, do que pela tactica, aliás habilissima, dos adversarios.

Chegou a Modder River, a marchas forçadas, apenas interrompidas por vigorosos combates; e a partida poderia talvez ser ganha por elle se outro fosse o taboleiro de guerra onde foi jogada. Mas, n'aquelle, teve de estacar; e acontecimentos subsequentes, que os leitores já conhecem, profundamente desastrosos para o valor britânico, ainda mais contribuíram para tornar de todo inúteis as primeiras e rapidas vantagens.

Hoje, o que sobreleva a todas as espe-

ranças, que alguns já concebiam, depois da opposição e rapidos movimentos de lord Methuen, é a realidade do gravissimo desastre soffrido pelo contingente de Matacre, em Stormberg, nada inferior ao des-



General White

Commandante das forças sitiadas em Ladysmith

barato, de 30 de outubro, na sortida de Ladysmith, e como elle tão desastroso, tanto em si proprio, como nas suas consequencias, quer moraes, quer, sobretudo, effectivas. E' a nova derrota de White, em frente de Ladysmith; é, finalmente, o consideravel revés do proprio Methuen, domingo ultimo, em Maggersfontein, na sua marcha sobre Kimberley.

No entretanto, procuraremos não imitar os que rejubilam á menor noticia desfavoravel para os que estão defendendo o que é seu, contra aquelles que, sem direito algum, lh'o querem tomar; não nos alegrando nada o desaire dos chefes militares in-



Cecil Rhodes

glezes, nem o sacrificio de tantas vidas, ali immoladas por uma causa odiosa, que no mundo inteiro encontra geral reprovação.

\*\*

Mas não era só a noticia de ruidosas vantagens militares o que o telegrapho, ha quinze dias, nos trazia. Era, simultanea-

mente, a de um extraordinario discurso de Chamberlain, despido de toda a cortezia diplomatica, impertinente para muitas nações da Europa, e sobretudo desagradavel em extremo para uma d'ellas, cujo amor proprio mostrava querer directamente ferir. Discurso altamente inconveniente, por sahir de todos os usos, de todas as praxes estabelecidas para as relações internacionais, mesmo quando estas atravessam momentos graves; quando são anti-amigaveis, como a propria diplomacia prefere dizer, por achar ainda aspera a designação clara de inimigas.

As palavras de Chamberlain tiveram logo a resonancia proveniente das alturas onde foram pronunciadas, e, como immediatamente dissemos, o que lhes deu especial valor, e lhes podia dar extraordinaria significação, foi, não a marcha victoriosa de Methuen, mas o facto de ter sido realisa da a visita do imperador Guilherme a Windsor e a Sandrigham, e de Chamberlain escolher para momento de proferil-as aquelle em que o imperador acabava de deixar a Inglaterra para voltar ao seu paiz.

O fogoso estadista inglez falando assim, em tal occasião, e no impedimento do primeiro ministro, a quem se substituiu, parecia querer attestar ao mundo ser elle a alma da politica internacional ingleza, e mostrar que havia jungido ao seu carro de triumphador nada menos do que a aguia imperial de Berlim, domesticada pelas recentes transacções com a Grã Bretanha e com a America, a proposito de Samoa.

O mundo não teve remedio senão ficar durante algum tempo suspenso, á espera do que viriam dizer, na sua hora propria, aquelles de quem Chamberlain parecia dispôr como de creaturas suas, aquelles em nome dos quaes parecia falar, ribombante como um deus trovejador no Sinai de Leicester.

A França, então, essa não ganhou para o susto. E a Russia deve ter passado, tambem, um máu quarto de hora. Entre nós, houve quem se recolhesse na mais humilde compostura, philosophando sobre a triste condição a que ficava reduzida a diplomacia franceza, bôde expiatorio de uma imprensa alegre e independente em exercicio livre, embora mais ou menos grosseiro, e, sob esse ponto de vista, reprehensivel, do seu direito de critica. Nada, que a Inglaterra é intangivel; e Chamberlain não hesita em avisar a França de que seja moderada, e de que tenha juizo, senão...

Podemos, no emtanto, assegurar aos leitores, que a França se encontra já um pouco mais reposta do primeiro susto, e um pouco mais senhora de si. E note-se que foi, da propria Inglaterra, que lhe chegaram os primeiros lenitivos.

Com effeito, lord Rosebery, chefe da opposição constitucional ao actual gabinete, usou immediatamente da palavra, com qualquer pretexto, e corrigiu levantadamente Chamberlain pela impropriedade da sua linguagem official, e pela intemperan-



ca da sua palavra descomedida. Ora isto é muito importante e significativo.

Lord Rosebery, por occasião de ser declarada a guerra, e quando o parlamento estava extraordinariamente reunido para votar os creditos reclamados pelo governo com esse fim, teve de falar em nome do seu partido, e fê-lo, deixando-se arrastar pela fortissima corrente da opinião, e aceitando a guerra como uma necessidade irremovível.

Aconselhava-o, em tal sentido, o interesse politico. A guerra era inevitavel, no pé em que as cousas estavam; a opinião, fortemente preparada pela imprensa governamental, exigia-a. Era de esperar que, salvo um ou outro pequeno revez, muito parcial, dos primeiros instantes, a campanha, bem preparada, fosse relativamente breve e feliz; e o partido liberal, associando-se ás responsabilidades d'aquelles que a haviam tornado impossivel de evitar, tomava para si uma parte do exito, para o qual, a todo o tempo, podia dizer que tinha concorrido.

Seria um desastre politico, para o partido na opposição, que a Inglaterra ficasse victoriosa e engrandecida com os despójos das nações vencidas, contra o conselho e a approvação do mesmo partido.

Mas, agora, já está visto que os acontecimentos teimaram em não querer seguir o caminho, que as previsões dos homens lhes haviam traçado; e se o partido liberal folgava em poder compartilhar as glorias e as vantagens do exito, não está egualmente disposto a compartilhar o odioso e as responsabilidades dos desastres. E, por isso, principia a varrer a sua testada.

A linguagem inconveniente de Chamberlain foi um excellente pretexto, que lord Rosebery soube aproveitar habilmente, antecipando-se mesmo ás declarações attenuantes que elle bem sabia terem de ser feitas por lord Salisbury, já mais de uma vez collocado, pelo ministro das colonias do seu gabinete, em secundario plano. E' a opposição que principia a tomar fôlego, deante da impopularidade crescente de uma situação, que tendo prometido á Inglaterra um mundo de prosperidades e de glorias, não tem feito outra cousa, até agora, senão mergulhal-a no lucto.

Da attitude dos liberaes, a cuja frente caminha Rosebery, deprehende-se que os horizontes se lhes mostram agora menos limpidos do que ha dois mezes, e que o resultado da campanha se lhes não affigura já tão rapido e facil, como o seu optimismo lh'o fazia vêr ao principio.

\*\*

Manifestamente, Chamberlain exaggerou as cousas, e não tinha nas mãos tantos trunfos, como quiz fazer suppôr. Não avançaremos, contudo, que não tivesse nenhum, pois isso seria cair de um extremo, no extremo opposto. Mas, se tivesse sabido conservar-se calado, poderia talvez fazer melhor jogo, e procederia com mais acerto. E com tanta mais segurança lh'o podemos dizer, agora, quanto já vimos como as declarações da diplomacia allemã e americana nos dão razão.

Coincidiu, quasi, com o discurso do ministro colonial inglez a Mensagem official, lida no Congresso de Washington, em nome do presidente Mac-Kinley, vindo porém, esta, ainda, a tempo bastante de poder exprimir o pensamento do governo dos Estados Unidos acerca da alliança com a Inglaterra e com a Allemanha, que o discurso de Chamberlain fizera suppôr.

A tal respeito, a Mensagem declarou muito peremptoriamente: «Mantemo'nos fieis ao principio de evitar allianças embaraçosas sobre questões que, para nós, não tem interesse directo.» E á declaração, verdadeiramente audaciosa de Chamberlain, na qual não teve duvida de affrontar a opinião do mundo, affirmando o direito da Inglaterra a escravisar o Transvaal, Mac-Kinley, falando em nome do seu paiz, qualificou polidamente esta guerra de «lamentavel», e declarou que os Estados Unidos teriam accieito «com satisfação» por pouco que de qualquer dos lados ella lhe tivesse sido offerecida, a occasião de interpor os seus bons officios com o fim de evital-a.

Não quer isto dizer, que os Estados Unidos apregõem para seu uso o *esplendido isolamento* de que, ainda há pouco, a Inglaterra fazia alarde, por bôcca de Salisbury, e de que a Allemanha está procurando agora fazer nova reedição, para seu exclusivo proveito. Aos Estados Unidos não repugnam, em principio, as allianças; o que não querem é que ellas sejam embaraçosas, atirando-lhes para os braços, questões em que não tenham interesse directo. Por isso, no anno passado, agradeciam com effusão as boas palavras da Inglaterra, e aceitavam-lhe não só o apoio moral, como ainda um certo apoio effectivo, — visto como o foi a serie de embaraços com que se embargou a passagem do Suez á esquadra de Camara, — emquanto durava a sua campanha maritima com a nossa vizinha Hespanha. E por isso, tambem, a replica de Mac-Kinley avisa a Inglaterra de que não tem a contar com o seu applauso no caminho que entendeu dever tomar para resolver a sua demanda com o Transvaal, o que não obsta a que se colloque ao seu lado, e lhe busque ou accieite a alliança, em questão que vivamente lhe interesse.

A doutrina de Monroe não tem duas pontas, como os dilemmas sem defeito. A America para os Americanos, seja; contanto que não haja embargos em que mais alguns pedaços do mundo sejam para os americanos, tambem. Nada de permitir aos europeus a sua intervenção em assumptos que interessem aos americanos dentro da America; mas virem os americanos, fóra da sua America, intervir directamente em assumptos de especial interesse europeu, isso é caso a que, na opinião d'elles, a doutrina de Monroe já não é extensiva, e para o qual reservam inteira liberdade de proceder, segundo as conveniencias da occasião.

Ora, o que nós deprehendemos d'esta parte da mensagem presidencial é muito análogo ao que já deprehendemos, tambem, do discurso de lord Rosebery: E' que os negocios sul-africanos não estão correndo auspiciosos para a Inglaterra, e que o futuro d'elles ainda peor se annuncia. E como as nações teem os mesmos egoismos dos individuos, se é possivel exacerbados ainda, assim como estes usualmente se abandonam uns aos outros na má sorte, assim aquellas, tambem, não é na má ventura que, umas das outras, se approximam.

\*\*

Falou Chamberlain; falaram pela bôcca de Rosebery, os inglezes que não apoiam a politica por aquelle seguida, e que não estão dispostos a compartilhar com elle a impopularidade, que lhe estão creando os desastres successivos acarretados sobre a Inglaterra; falou, do outro lado do Atlantico, a grande voz dos Estados Unidos, na

mensagem do seu presidente. Era preciso que falasse tambem a Allemanha; e foi de verdadeira anciedade o tempo que se esperou pelas suas palavras decisivas.

O discurso do ministro dos negocios estrangeiros, do imperio, na sessão nocturna do Reichstag, ha quatro dias apenas, tambem não foi de molde a deixar Chamberlain n'um mar de satisfação. Herr von Bulow, depois de se congratular pelas relações cortezes mantidas ultimamente da parte da Allemanha com as diversas potencias, e especializando a França, a Russia e os Estados Unidos, accrescentou:

«Emquanto á Inglaterra, estão inteiramente dispostos a viver em paz e em boa intelligencia com ella, tomando para base das nossas relações uma reciprocidade inteira, e attentões muítuas.»

Eis, discretamente arredada, toda a falsa idéa de estreita alliança, como já discretamente a afastara, embora talvez em termos um pouco mais succudidos, a mensagem de Mac-Kinley. Não; Chamberlain não dispõe até ao ponto que elle imaginava, nem dos Estados-Unidos, nem da Allemanha. A sua figura, mau grado o desmesurado orgulho com que elle não perde um ensejo de avultal-a, tem de retrahir-se um pouco mais para a sombra, onde o seu discurso de Leicester parecia ter arrumado, como personagens de segundo plano, o chefe do grande imperio allemão, e o chefe da grande republica norte-americana. Nem Guilherme, nem Mac-Kinley se resignaram ao papel de sequazes de Chamberlain, como elle pretendia. E essa nova tripla alliança, que parecia vir tombar de todo no sepulchro das cousas passadas a antiga, aquella a que Bismarck dera, com a sua extraordinaria inconfidencia, desdenhosamente, um verdadeiro golpe de misericórdia, não se nos apresenta, afinal, nem tão vivaz, nem tão robusta, que o mundo inteiro se veja obrigado a entregar-lhe, sem hesitação, os seus destinos. E' possivel que a França, a Russia, a Austria e a Italia, — mesmo a Hespanha e a Hollanda, — e até mesmo — porque não? — a propria China, ainda possam contar com alguns annos de vida! Valha-nos isso.

Von Bulow falou, evidentemente, em nome do imperador, e disse, strictamente, o que este desejaria que se dissesse. E tanto, que completou o seu pensamento, n'estes termos expressivos:

«Nós não fazemos senão politica allemã. E' possivel que sejamos forçados a sahir da nossa reserva para salvaguardarmos a nossa situação no mundo e os nossos interesses; mas seremos obrigados a fazel-o? em que momento, de que modo e sob que circumstancias?... Ninguem, hoje, o poderia antever.»

Ora, taes palavras não foram pronunciadas com a simples intenção de dar trôco a Chamberlain, cujas demazias de lingua são bem conhecidas, e já não teem, nas chancellarias, importancia de maior. Vieram a proposito, na defeza do projecto que Guilherme II tem mais a peito, o do augmento da esquadra allemã, e para a approvação do qual traz empenhada, de ha muito, uma verdadeira contenda com o reichstag, tendo-lhe parecido esta uma occasião favoravel, como nenhuma outra, para lhe arrancar energicamente aquella approvação.

Isto é que dóe verdadeiramente á Inglaterra; e foi isto o que toda a imprensa d'esse paiz mais commentou no discurso do ministro. A Inglaterra assentou como aphorismo dever possuir constantemente uma força naval capaz de resistir á coallição de tres potencias maritimas conti-



ntaetas. Estava agora descançada, porque tinha realisado esse ideal. E era, por detrás dos seus numerosos e potentissimos couraçados, que se habituara, nos ultimos tempos, a falar ás outras nações.

Se tinham vantagens essa convicção e essa prosapia, tinham tambem os seus inconvenientes. A França, occupada com as inquietações incessantes do seu viver interno, descuidou-se de acompanhar, no desenvolvimento marítimo proprio, o da sua rival secular, concentrando a maioria das suas attentões nas fronteiras rhenanas, onde crê que reside o seu maior perigo immediato. O resultado foi encontrar-se desprevenida, o anno ultimo, quando sobreveiu a desintelligencia a proposito da hegemonia no Nilo superior, e ter de passar pela humilhação, crudelissima para o seu amor proprio, de confessar a sua inferioridade, e de se submitter ás imposições d'ella.

Foi isto lição para a França? Foi. E é possível que ella procure aproveitá-la. Mas foi-o, tambem, indirectamente, para outras potencias; e entre estas, nenhuma a recebeu com maior sobresalto do que a Allemanha. Guilherme II, o imperador providencial, que pretende incarnar em si, mysticamente, todos os destinos da raça germanica, não está disposto a consentir que algum dia, elle, e o imperio sagrado que elle representa, possam receber impunemente uma affronta igual á de Fachoda. E como não é digno da sua grandeza, nem da magestade nacional, o viver n'uma reserva continua, dissimulada e cautelosa, afastando qualquer possibilidade de tal contingencia, — o que seria uma existencia humilhante, de mēdo, insupportavel, — não descança, nem pôde descançar, enquanto se não sinta com forças de encarar a Inglaterra face a face, e de *poder sair da sua reserva, para salvar a sua situação no mundo e os seus interesses*, quando o entenda necessario.

E' para isso que elle precisa, que elle exige, e que elle ha de lutar até conseguilo, que a Allemanha se decida a fazer o enorme sacrificio de duplicar, pelo menos, a sua força naval.

Continuará, depois d'isso, a persistir o aphorismo inglez? E' forçoso que continue, pois a hypothese contraria seria a Inglaterra resignar-se a entrar n'um periodo de decrescimento de forças, equivalente á decadencia. Então, em vez de ser ella, a falar alto ás potencias continentaes europêas, seriam estas, ou alguma d'ellas, que estariam nas condições de levantar a voz, para fazel-a entrar no caminho da moderação, quando pretendesse extraviar-se d'elle.

Ora, a Inglaterra sente que é este o perigo maior, que dentro de breve tempo pôde ameaçá-la; e sente que terá de entrar n'um periodo de maiores, e talvez de insupportaveis despesas publicas, para conservar o seu nivel de primeira potencia naval, se as potencias suas rivaes, e que lhe disputam supremacias no globo, conseguem realisar os planos de engrandecimento, que trazem projectados.

Felizmente para os fracos, não são elles os que vivem em maior panico perante as ambições desmesuradas dos fortes. Estes é que, na cegueira do seu orgulho, estão recebendo uns dos outros, frequentemente, advertencias da sua fraqueza relativa, sem que ellas lhes sirvam de aviso para a repressão das suas aspirações impertinentes, e para a moderação das suas cobiças insaciaveis.

E, felizmente, ainda, outras lições maio-

res estão sendo dadas, — por mysteriosos decretos da Providencia, se assim quizerem chamar-lhe, — aos envaidecidos de grandeza, até ao ponto de se considerarem omnipotentes, que n'este momento recebem o mais humilhante castigo para o seu orgulho, exactamente das mãos d'esses *fracos*, por elles condemnados ao desaparecimento e á annullação, por elles soberbamente desprezados.

A Inglaterra lê tanto a Biblia, como a lêem os boers; e compraz-se em fazer-nos crêr que a lê com igual convicção, e igual piedade. Deve estar sentindo, por isso, muitas das verdades que ella lhe ensinou, e sobretudo a que nunca devia ter-lhe esquecido de que «Deus exalta os humildes e abate os poderosos cheios de orgulho.»

Por enquanto, o que estamos vendo, é a Inglaterra abatida, e o pequeno e humilde Transvaal gloriosamente exaltado.

FERNANDES COSTA.

P. S. — Quando estâmos revendo as provas d'este artigo (noite de 16 de dezembro), temos acabado de lêr os telegrammas assombrosos, que nos dão conta da monumental derrota acabada de soffrer pelo generalissimo inglez, sir Redvers Buller.

Os boers estão dando cumprimento á terrivel prophacia de Kruger: «A Inglaterra vencerá por fim o Transvaal; mas ha de ser por um preço tal, que ha de espantar o mundo.»

Parece-nos que o mundo começa a ter motivo para o annunciado espanto, sem contudo começar ainda a comprehender como o Transvaal terá de ser vencido.

O *Daily Chronicle* pede, nada menos de 150:000 homens, para serem remetidos ao grande açougue, onde já estão sacrificados algumas dezenas de mil.

Não ha duvida; Chamberlain pôde gloriar-se de ter preparado o mais inesperado remate para o longo reinado da imperatriz das Indias! A rainha Victoria, que todos esperavam vêr entrar na eternidade aureolada pelos esplendores de um occaso glorioso, terá, em vez d'isso, de penetrar nas trevas da morte, quando chegar a hora que Deus lhe destine, no meio de visões ensanguentadas, indo a figura livida e sinistra de Chamberlain, a apontar-lhe o caminho!

A derrota de Buller, depois da de Methuen, tem consequencias, que mal podem definir-se nem antevêr-se, no seu conjuncto. A primeira, é a impossibilidade de socorrer Ladysmith e Kimberley, que não poderão mais resistir, e que devem entregar-se em periodo breve. A segunda, é a impossibilidade, para a propria Inglaterra, de socorrer as forças desbaratadas, e forçosamente desanimadas, que ali lhe restam agora; sem officiaes, pois os teem perdido em desmedida proporção; com generaes sem prestigio; com soldados sem entusiasmo, e perante inimigos de que ella só agora parece conhecer o verdadeiro numero e a verdadeira força!

Diziam que os boers eram poucos, e que os 80:000 homens que a Inglaterra mandou contra elles, eram de sobejo para os exterminar de todo. Mas o que se tem visto é que, qualquer que seja a força numerica com que os inglezes saiam ao encontro do inimigo, e em qualquer parte que seja, encontram este, sempre, em força igual, se não superior!

Mandem para lá, se é que podem dispôr d'elles, os 150:000 homens que o *Daily Chronicle* reclama, e nós apostamâs em como lhes succederá a mesma cousa.

Quer-nos parecer que a Inglaterra, já nada consegue do Transvaal pela força. E que muito conseguirá ella, se puder evitar a revolta geral dos *Afrikanders*.

F. C.

## TIRO

### União dos Atradores Civis Portuguezes

#### Parte official

#### Commissão executiva

ACTA n.º 26

SESSÃO EM 7 DE DEZEMBRO DE 1899

Às 9 horas da noite, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Ignacio Franco, Fraga Pery de Linde, Vieira da Silva Junior e Eduardo de Noronha, o sr. presidente abriu a sessão na redacção do *Tiro Civil*.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Foi lida a seguinte correspondencia:

Officio do Lyceu Central pedindo a inscripção de mais 2 alumnos.

Officio do Lyceu Polytechnico pedindo a inscripção de mais 13 alumnos.

Officio da Escola Normal pedindo a inscripção de mais 1 alumno.

Officio da Escola Industrial Principe Real pedindo a inscripção de mais 29 alumnos.

Officios de 4 alumnos de diversas escolas pedindo a sua inscripção.

Cartas dos alumnos Alberto Gomes, A. Rufino Junior e Mendonça, justificando a sua falta de comparencia.

Pedido do alumno Vasco Ribeiro, d'um certificado de matricula, porque estraviou o seu.

Convite do Real Gymnasio Club, para a soiree do dia 9.

Officio do sr. José Pinheiro de Mello, agradecendo as condolencias que esta commissão lhe enviou pelo fallecimento de seu filho.

Officio do Collegio Nacional pedindo a admissoão de mais 3 alumnos.

Resolveu-se que, limitando-se o numero a 500 matriculados, para a instrucção do tiro, só se admittissem alumnos para o preenchimento das vagas que se forem dando.

Considerar como desistentes, os alumnos que ainda não tenham comparecido na carreira e não se apresentem na sessão de 12 do corrente.

Foram admittidos a socios ordinarios os seguintes individuos: José Honorato de Mendonça Junior, Sebastião Rodrigues Tenorio Oliveira e Joaquim Antonio Alves.

Não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 10 horas na noite.

O secretario

Eduardo de Noronha

#### Balancetes mensaes

SETEMBRO	
Receita:	
Saldo do mez de agosto...	180\$892
Importancia de quotas n'este mez .....	28\$800
Idem de distinctivos .....	1\$200
Idem do beneficio .....	6\$800
	217\$692
Despeza:	
Pago percentagem ao cobrador .....	2\$665
Pago trabalhos de escripta.	3\$000
	5\$665
Saldo que passa para outubro .....	212\$027
	217\$692

Lisboa 30 de setembro de 1899.

O secretario servindo de thesoureiro

Eduardo de Noronha.

OUTUBRO	
Receita:	
Saldo do mez de setembro	212\$027
Importancia de quotas n'este mez .....	19\$700
Idem de distinctivos .....	600
	242\$327

CLEMENT



Despeza:		
Pago percentagem ao cobrador.....	28870	
Idem trabalho de escripta.....	500	
Idem Diário do Governo.....	120	
Idem Sellos e estampilhas.....	550	4\$040
Saldo que passa a novembro.....	238\$287	
	242\$327	

Lisboa, 31 de outubro de 1899.

O secretario servindo de thesoureiro

Eduardo de Noronha.

### Estatutos da União dos Atiradores Civis Portuguezes

Na ordem do exercito, n.º 19 (1.ª serie) sahida em 13 d'este mez, foi publicado o decreto que approva os estatutos, que vem juntos na mesma ordem do exercito e que nós publicaremos no proximo numero.

São os novos estatutos approvados na ultima assembleia geral realisada em 8 de novembro findo.

### Il Tiratore Italiano

Tivemos a honra de ser visitados por este distincto collega que se publica em Roma; é o órgão official da *União dos Atiradores Italianos*, premiado com o grande diploma de honra, na exposição de Milão de 1894.

É de formato igual ao nosso, em quatro paginas, muito bem impresso; sae nos dias 5, 15 e 25 de cada mez, sendo superiormente dirigido pelo cav. cap. A. Magagnini, a quem enviamos uma fraternal saudação.

Em o numero de 15 de novembro, publica uma mui calorosa apreciação da nossa *União*, accusando a recepção do relatório d'esta.

Em nome da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, e em o nosso, agradecemos cordalmente as amaveis referencias que nos são feitas.

### Programma annual

No proximo numero publicaremos o programma do campeonato escolar e torneios da presente época, 1899-1900.

## LITTERATURA

### As codornizes em Coimbra

(1860)

Foi em Coimbra, onde alguns filhos de Minerva, como eu, mais se dedicavam ás armas do que ás letras, que terrei aquellas ás codornizes pela primeira vez. Eram mais facéis de matar do que as narcejas, a que eu já atirava, e bem, mas impossiveis de caçar sem cão, e eu só podia dispôr do *Ignacio*, um cão de agua, de reverenda corôa aberta por sacrilégas mãos, vadio, que acompanhava a academia nas nocturnas correrias aos gatos. Quiz, porém, a sorte, que os famintos cães — dois galgos e uma perdigueira — do meu discipulo Balthazar Queiroz, roubassem o nosso pão do dia — o meu e o dos meus companheiros de casa, — e que, não podendo demandal-os eu em juizo pelo damno, nem ao dono, que apesar de abastada casa da provincia, só cães tinha, em Coimbra, ajustasse com elle indemnizar-me com os serviços da cadella, emprestando-m'a.

Foi bom negocio, porque, não obstante os meus bons companheiros pôrem a meu exclusivo cargo, como, bolsa, que era, o custo do pão e o do sacco que o guardava, (na ancia tambem devorado) o animal era de consciencia, e pagou-me, de sobra, o prejuizo, na caça que me deu a morte, e nos escrupulos de me não ser mais pesado na comida. Effectivamente só uma vez, por distracção, lambou uma porção de manteiga — não que pouco se perdeu, por que,

mesmo assim abocanhada foi comida — e de outra, se apenas deixou vestigios de uns queijos da serra da Estrella e de uns paos que enguliu, foi sem querer, talvez; e esses nem eram meus.

Não lhe brilhavam as carnes com esta vida, nem a pellagem que tinha cortada, no lombo, com profunda cicatriz; — de alguem, provavelmente, que, melhor do que eu, se defendera da sua voracidade — mas a dignidade das maneiras, que tornava bem cabido o seu nome de *Finesa*, escondia-lhe as mazelas.

Da tal minha primeira caçada, nos campos de Coimbra, ás codornizes, lembro-me saudoso dos altos e vastos milharas de bronzeado verde escuro, em que as procurámos, das tremulas folhas dos choupos a que nos abrigámos do radiante sol, e dos esbranquiçados salgueiros a banharem-se nas serenas e claras aguas do Mondego, a que, sedentos, com frequencia recorriamos.

Estou vendo os meus dois companheiros, mais avançados do que eu na caça, e ambos já de grandes barbas, e, tão notaveis, que lhes serviam de appellido: o Rocha e o Aranha das Barbas; aquelle levando a mão á cara a cada tiro, e, no fim do dia, cuspindo sangue, dos couces da espingarda, com desconfiança sempre de ser pouca a polvora; e o outro, dando aos cães pitadas de rapé, que, ouvira dizer, lhes apurava o olphato, e que eu vi só servirem, como em nós, para os fazer espirrar. E estou vendo tambem, como só então e nunca mais tornei a vêr na minha vida, as codornizes no chão, ao nariz dos cães parados, espojando-se, indifferentes a elles e a nós, e só fugindo se as espantavam.

Recordo ainda que algumas matámos, gordas, como se criam n'este seu paraizo, se as deixam medrar, e que recolhemos a casa por uma clara e serena noite de luar; noites boas para n'aquellas edades e n'aquelles sitios, entremear tristezas vagas com esperanças illusões. Mas eu só pensava na aula e na llicção prosaica do dia immediato, do Cujaccio e outros praxistas que teria de citar, só por mim conhecidos de nome e pela sebenta que n'aquella noite deveria decorar ainda.

As gordas codornizes que planeára saborear com os companheiros, para, em consciencia, os indemnizar da abocanhada manteiga que lhes dera, comeu-as o meu creado! O velhaco do meu Jeronymo, a quem as entregára para as cosinhar com arroz, (um erro, por que assim nedias só assadas, e melhor no espeto, se devem comer), recomendando-lhe, ao mesmo tempo, que deitasse fóra um milhafre que eu matára, fingiu ter entendido o contrario, e nós só vimos sair do tostado arroz o corpo fibroso e magro da ave de rapina! Mas comeu-se.

Morreu em nossa casa, de um typho, aquelle nosso creado. Esquecidos do logro, e de outros de egual jaez e de maior vulto, despreocupados do contagio da doença, procurámos em cuidados e carinhos suavisar-lhe o terminar da vida, tarefa em que a arrependida *Finesa* nos ajudava com os seus aflagos.

Foi aquella caçada a unica por mim realisada em Coimbra ás codornizes, até d'ali emigrar, para sempre, á semelhança d'ellas, porque; em cada anno, voltam com as folhas da primavera, mas as dos tempos de então não voltaram nem voltarão mais ás margens do Mondego, como não retrocedem as aguas d'esse rio nem os annos que vão correndo.

15 de novembro de 1899.

\*\*\*

## CAÇA

### Arrayollos

Nos dias 4 e 11 do corrente a convite do Sr. Manuel Amaral de Mira, rico lavrador e sportsman, realisaram-se duas caçadas ás lebres, a 1.ª nas herdades de Figueiras, Valle de Melão Grande e Valle de Melão Pequeno, Porto e Cabido; a 2.ª nas herdades de Couval-Meudo, Marques e Clerigos.

Tomaram parte na primeira caçada os srs. Dr. Antonio Rivara, Jeronymo Queiroga, Manuel Amaral de Mira, João Piteira, Francisco Augusto Courado e Augusto H. da Costa Simões, e na segunda os mesmos com excepção do sr. João Piteira e a mais os srs. José Franco Junior, João Franco, José Piteira, Antonio Piteira e Francisco Piteira.

Os galgos eram: Corisco, Caraça, Cavite e Sotta do sr. Manuel de Mira, Diamante e Caraça do sr. Jeronymo Queiroga e Cigana do sr. Francisco Courado.

Na primeira caçada foram vistas sete lebres sendo engalgadas e mortas seis.

A primeira lebre corrida foi engalgada pela trela formada pelos galgos Corisco e Cavite Foi uma corrida magnifica já pela extensão já pelo mau piso, que offereceu a lebre occasião de se furtao o que de pouco lhe serviu, porque o galgo Corisco, seguro na fiada, nunca se deixou enganar com taes subtilzades.

Nos campos de Valle do Melão os cães do sr. Jeronymo Queiroga correram a terceira lebre que daria bella corrida se não se levantasse tão proxima. Esta lebre era enorme. A quinta lebre foi vista e engalgada pela já falada trela, levantou-se larga, em bom chão; a corrida chegava para todos, e, todos largaram com vontade, depois de boa corrida a lebre arripiou carreira retrocedendo sendo apanhada de frente por um cão do sr. Francisco Courado. As outras lebres foram engalgadas e mortas pela trela Corisco e Cavite.

Na 2.ª caçada — O terreno escolhido era abundante em lebres mas o piso mau pela quantidade de piorno de tal altura que por vezes nem cavallos nem cavalleiros se viam dentro de tal matagal.

O resultado foi serem vistas 10 lebres serem engalgadas e mortas apenas cinco, dando só uma boa corrida.

Terminada a caçada houve jantar na herdade dos Clerigos, propriedade do sr. José Piteira, onde o dono da casa e seus irmãos trataram todos os hospedes com a maior bizarría, reinando sempre a mais completa alegria, graças ao bom humor do promotor das caçadas.

A noite fomos ceiar a Vale de Melão, propriedade e assento de lavoura do abastado lavrador o sr. José Joaquim Franco.

Os galgos do sr. Manuel Amaral de Mira em umas caçadas realisadas nas lezirias de Villa Franca bateram todos os galgos que com elles correram, isto devido ao apuro que este cavalleiro tem feito na sua matilha, a galga Setta, que este sr. possui é de uma velocidade na carreira como até hoje ninguem se lembra de ver.

Peço a attenção de v. sr. redactor, para os abusos que diariamente se pratica n'este concelho com a transgressão do art. 6.º da postura municipal referente a caça, que é do theor seguinte:

«É absolutamente prohibido no exercicio da caça, quer de dia quer de noite, o caçar em embuscadas com ou sem ave reclame, e bem assim o uso de quaisquer outros reclames, redes, laços, fios, raticoiras ou outra qualquer especie d'armadilha, sob a pena comminada no art. 254 do cod-penal.» Pois apesar d'isso o sr. José Maria Godinho, ferrador e morador n'esta villa, todos os dias caça com perdigão reclame, quer de manhã quer de tarde, isto nas bochechas de toda a gente e até mesmo nas da propria autoridade administrativa com o que em poucos dias os campos visinhos d'esta povoação ficam limpos de perdizes.

Além d'isso ha poucos dias fui encontrar a menos de 1:500 metros d'aqui (Herdade do Pinheiro) uma enorme quantidade de laços armados, tambem com o fim de apanhar as perdizes que saiam d'um matto, mas estes dei-me ao incommodo de os destruir, o que de certo pouco valeu, porque o pastor, auctor d'aquella prenda, depressa os reconstituiria.

Peço pois á dignissima Associação dos Caçadores Portuguezes e a v. sr. redactor a sua colaboração para terminar taes abusos.

Desde já me subscrevo.

28 — XI — 99.

De v.

A. H. DA COSTA SIMÕES.



### O que associação dos caçadores deve conseguir

— Mais liberdade para o caçador, ou pelo menos, a conservação da que actualmente fruem.

— Diminuição no preço das licenças de caça.

— Barateamento na licença dos cães de caça.

— Alcançar da companhia dos caminhos de ferro uma tabella mais razoavel para o transporte dos cães de caça, os quaes não occupando, por assim dizer, logar, pois que vão debaixo dos bancos, pagam mais que os passageiros, pelo menos para distancias inferiores a 80 kilometros.

— Pugnar porque o projecto de lei de caça não seja convertido em lei sem modificações em sentido mais liberal.

Ha muitos caçadores que não entram para a associação sem que estes melhoramentos sejam obtidos, e eu sou um d'elles.

GOUVEIA.

### A's lebres

No dia 11 d'este mez a convite de D. Manoel Albaran, foram os nossos bons amigos e assignantes os srs. dr. Paulo Cancelli e Manuel Figueira em companhia do sr. conde de Tarouca, a uma digressão venatoria a Hespanha.

A caçada realisou-se nas margens do Guadiana, no Couto de Albalá, n'um terreno relvado e povoado aqui e alli de pequenas moutas.

Foi surprehendente o que ali viram, as lebres levantavam-se diante dos caçadores e dos cães ás 6 e ás 8! O nosso amigo dr. Cancelli chegou a contar até certa altura 82! e das 9 horas e meia da manhã á meia hora da tarde, e das 2 ás 4 horas, não se tendo afastado um kilometro da herdade mataram 24 lebres!...

Os distinctos discipulos de Santo Huberto vieram maravilhados com a quantidade de caça. Aquelle couto é um verdadeiro viveiro, que inunda de caça até leguas de distancia, todos aquellos campos.

A hospedagem por parte do proprietario do couto, foi de uma fidalguia e gentileza que será impossivel exceder, os caçadores vieram encantados com a fidalga bizzarria de D. Manoel Albaran e com a excepcional abundancia de lebres.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### João Fernandes d'Azevedo

E' João Fernandes d'Azevedo um forte *transmontano* (Chaves, Villa Real) a quem seduz mais do que tudo o *sport athletico*, e é a essa sedução que elle deve em grande parte o seu logar entre os *athletas*.

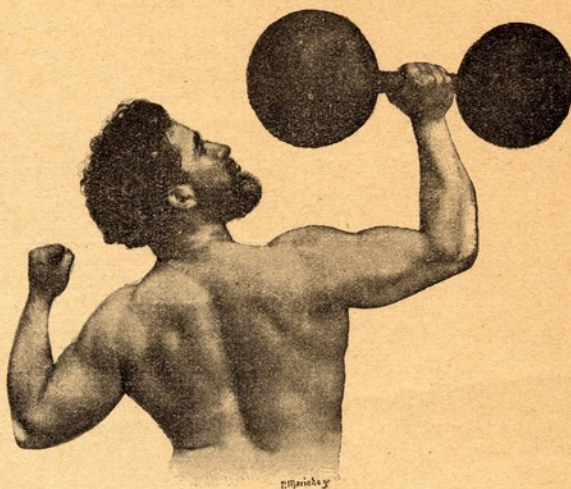
Um metro e 70 centimetros d'altura, 1<sup>m</sup>, 21<sup>c</sup> de thorax, 0<sup>m</sup>, 43<sup>c</sup> braço contrahido, 0<sup>m</sup>, 34<sup>c</sup> de ante-braço e 97 kilos de peso, indica claramente uma constituição physica um pouco mais robusta do que o vulgar; em todo o caso, não é unica e exclusivamente a elle que J. d'Azevedo deve toda a sua actual força: Exercicios methodicos e uma vida regular são as bases de toda a *educação physica* e condições portanto essenciaes para todo o homem de Sport que se queira salientar, qualquer que seja o ramo a que se dedique. E' assim, que J. d'Azevedo hoje apenas com 23 annos (pois como todos sabem não é ainda a *idade-meta*, para o atletismo), já levanta perpendicularmente n'um braço 72 kilos acima da cabeça (sem balanço).

Bom, mesmo excellent rapaz, não pertence ao numero d'aquelles que servem da sua força mais que regular para humilhar os fracos, não segue na sua vida particular o exemplo hodierno da Inglaterra nas suas questões com o Transvaal, não, temol o visto — quantas vezes — n'essas questões tão vulgares entre vinte primaveras e sobretudo aqui em Coimbra, nas tradicionaes rixas entre *fulricas* e *estudant.s*, ordenar quasi sempre ao seu braço vigoroso que nunca sirva de irritante e tome pelo contrario o partido da conciliação.

Não deve já ser desconhecido para o leitor J. d'Azevedo, em abril de 95, quando ainda *caloiro*, appareceu-nos elle pela 1.<sup>a</sup> vez em publico levantando 58 kilos n'um *certainen* que teve logar em 18 do mez citado no Porto, obtendo ali o 1.<sup>o</sup> premio em competencia com Taylor e Olivéi-

ra e Silva, hoje, é nosso contemporaneo na Universidade onde estuda o 2.<sup>o</sup> anno de direito e brevemente o veremos no *sarau* que vae dar o *Gymnasio de Coimbra*, elevar setenta e tal kilos, o que até nos serve para provar que o tempo bem aproveitado chega para tudo.

Em Portugal os *hercules* surgem raramente, pertencemos a uma nação talvez das mais physicamente atrofiadas da raça latina, somos minados por todos esses numerosos inimigos da humanidade desde a ociosidade até ao alcool, sem que da maioria dos nossos concidadãos parta um grito unido de revolta. Individuos isolados — sem o sabermos — trabalham cheios de boa vontade no sentido de, já não digo ir até, mas ao menos acompanhar a França (nação em raça á nossa congénere) que já comprehendeu ha muito onde a póde levar o deapueramento physico crescente dos seus cidadãos, mas esses individuos, não conseguem reunir em volta de si senão um limitado numero. Coimbra é bem claro exemplo, na Universidade acham-se matriculados 1:200 rapazes, 100 são socios do *Gymnasio*, os restantes ou seja quasi a totalidade entendem



João Fernandes d'Azevedo

Distincto athleta socio do Gymnasio de Coimbra

que passam melhor as *vesperas de feriado* (quartas e sabbados) na indolente posição sentada á meza d'um café e respirando no seu ambiente abafado.

Mas, dissemos nós, que individuos raros aliaz, luctavam no sentido de desenvolver entre nós o gosto pelo desenvolvimento physico, pois bem, no numero d'esses raros está João Fernandes d'Azevedo e como tal merecia bem mais do que estas nossas palidas linhas.

Coimbra — XI — 99.

ZICO PEDAL.

## MUSICA

### COISAS D'ARTE

IV

(A um amigo que vive em Africa)

Emquanto não posso falar-te de S. Carlos, unica ventana aberta para as elyseas paragens musicaes, deixa-me aproveitar o espaço e o tempo que até lá me sobrem para disreterar contigo sobre um assumpto que outrora tantas vezes nos trouxe entretidos.

Refiro-me ao canto coral, que, velharia nas escolas estrangeiras, mal chega a ser uma novidade nas nossas . . .

Exposto a intermittencias varias, vagamente entrevisto hontem, admittido hoje, dispensado amanhã, o canto coral não logrou ainda atravessar os successivos limboes por onde tem de passar qualquer iniciativa innovadora do rão-rão portuguez. . .

Castilho, é certo, tentou no periodo balalhador da sua existencia de pedagogo dar-lhe direito de cidade incluindo-o, creio eu, no plano do seu methodo, e mais tarde nas

escolas do municipio a edilidade olysiponense permittiu que elle fosse mais ou menos cultivado; mas, por desgraça, ou porque os encarregados de tal ensino não estavam elles proprios preparados para ministrall-o, ou porque o negregado falchão das economias sordidas e imbecis achou onde penetrar e talhar a fundo, a verdade é que o pobre do canto coral desapareceu do quadro das disciplinas escolares como coisa sem nexo e prenda sem valor. . .

Ainda que para ahi algum te escreva contradictando o que aqui te communico, não acredites, porque a mais equitativa concessão que a esse algum poderia fazer-se — dado que elle venha a existir — é que se tal lhe affirmaram, deploravel e descaeravelmente o illudiram. . .

Não, meu amigo, é coisa que já se não sabe o que seja, o ensino em commum de duas ou tres melodias de character didactico ou meramente recreativo. . .

Pois as graves auctoridades que conspicuamente legisferam na ignorancia publica, poderiam lá descer decentemente a tratar de taes bugingangas?!

O que diria a opinião publica de Alhos Vedros e de Freixo d'Espada á Cinta?

Porventura estás tu vendo d'ahi a cara de um claviculário dos negocios do reino quando furibundamente lhe exigissem a inclusão nos programmas escolares de uma nova materia chamada theoria e practica do canto orpheonico?

Egual só seria a dos preopinantes illustres, quando fosse o alludido claviculário quem tivesse tido a temeridade de avançar heresias como esta de diffundir o ensino da musica vocal desde a escola primaria!

Talvez n'esta ultima hypothese o escandalo ainda fosse maior, e acaso provocaria crise politica e queda de ministerio. . .

Mas descança amigo não ha esse perigo; os nossos homens publicos, deputados, conselheiros, camaristas, *tutti quanti* são na generalidade excellentes pessoas incapazes de excessos cerebraes d'esta ordem, ou d'outra, e em materia de *cantigas* só conhecem e só cultivam aquellas com que reciprocamente se embalam e argutamente se engrolam.

Os que no alto da escala hierarchica mais ostensiva e effectivamente interferem na governação do reino, ainda se dignam frequentar o camarote de S. Carlos, na temporada lyrica, para verem a *gente conhecida* e d'ella serem vistos, para nos intervallos apresentarem os seus respeitoos ao Poder Moderador, e para, quando as circumstancias o permittem, fazerem o seu *ramito d'olho* a alguma cantante bonita, dado que a respectiva situação pessoal lhes permita esta venial transgressão dos artigos da Carta; mas d'ahi a attentarem no resto, ah! não, que as vidas vão curtas e as canceliras estão prohibidas. . .

\*

E no emtanto segredar-me-ias tu, se aqui estivessem ao pé, que uma parte d'estes aliás respeitaveis depositarios do Poder, tem por vezes intimas relações de camaradagem politica com varias philarmonicas amigas, de



onde o parecer não desgostarem do *sol e dô*; mas laboras em lamentavel equivoco, bom amigo, pois que não só por via de regra as philarmonicas não são musicas, antes pelo contrario, como ainda o que leva os alludidos representantes do Estado a fraternisar com taes elementos não reside precisamente na maior ou menor dôse de harmonia que elles representem, mas no numero mais ou menos elevado de votantes que atrás dos bombos e dos trombones de ordinario se enfileiram.

São musicos de pancada—e nada mais...

\*

Ora agora phantasia tu por um momento, mas por um momento só, bem entendido—que amanhã surgiam n'esta terra, bem dita apesar de tudo, algumas camaras, um ou dois ministerios e tres ou quatro instituições compostas todas ellas de meia duzia de cidadãos dedicados e esclarecidos, sabendo o que queriam, e podendo fazel-o, e que associando todos os elementos n'um pensamento commum e n'um esforço identico, resolviam inaugurar de vez e a serio em todas as aulas de *todas* as escolas de Portugal, particulares ou publicas, remuneradas ou gratuitas, esse tal canto coral de que tantos ouvem falar, apesar de tantissimos ignorar que cousa venha a ser, e que por meio de professores competentes e adestrados se começava a educação racional e methodica das admiraveis e intuitivas faculdades musicas da nossa raça; concebes espectáculo mais original e mais bello?

Pela tua retina não passam em festa os bandos alegres de creanças cantando os lindos motivos das suas aldeias, devida e sabiamente aproveitados, os psalmos religiosos da sua fé, os hymnos entusiasticos da sua escola?

E depois quando viesse a distribuição annual dos premios, e os concursos dos orpheons regionaes e o certamen das sociedades mixtas, e toda a enorme legião dos cantores da parochia, do concelho, do districto, não seria uma solemnidade unica, de effeitos educativos incontestaveis, a que com taes elementos conseguisse organisar-se alternadamente em cada uma das tres ou quatro cidades que em si concentram e representam a vida nacional e a autonomia historica?

E bem prevê tu, quão facil seria isto tudo, com uma gente como esta nossa que tem excellente retentiva musical, notavel propensão para assimilar os mais complicados motivos e uma indiscutivel intuição das verdadeiras bellezas do rhythm e do som.

Quem um dia percorreu as estradas de Portugal, no norte, nas duas Beiras e até em certos embora mais limitados pontos do proprio sul, sabe perfeitamente o que seria possivel conseguir...

E para terminar, suppõe ainda que das aliás muito bem intencionadas philarmonicas, algumas das quaes, (não é preciso negal-o), representam unidades aproveitaveis e prestam serviços locais de varia natureza, desempenhando inclusivê, sob certos aspectos, um papel moralizador e convergente, suppõe que muitas d'ellas se convertiam em orpheons educados adquirindo uma physionomia e uma entoação proprias, não se haveria com tal transformação feito simultaneamente um bem aos nossos ouvidos e um serviço ao gosto alheio?

Nota que ainda poderia esmiuçar o lado economico da questão, em nada inferior ao seu lado moral e esthetico; mas contentome em fixar apenas estes, porque emfim procurando pôr problemas d'arte e resolvel-os

sob o ponto de vista do bello, não careço de embrenhar-me nos inextricaveis meandros dos numeros, para provar como por exemplo o concurso annual do tiro civil completando-se com a festa dos orpheons, e ambas estas solemnidades realisando-se concomitantemente no mez de Santo Antonio e de S. João poderiam, com o competente reclame, chamar a Lisboa, ao Porto, a Coimbra, algumas centenas de forasteiros que como te disse na minha ultima, andam pelo mundo á busca do pittoresco...

N'este especial campo, comtudo, outros mais sabedores e mais lidos terão a palavra, e por mim limitar-me-hei a registrar com pesar que eis mais uma illusão minha que me está certamente reservado ver cair desfolhada, pois não espero que por estes annos mais proximos ninguém se preoccupa com bugiarias d'este jaez...

Mas emfim dias virão em que a par d'este lindo sol que nos alegra os olhos, outro brilhará tambem que nos leve a alma e nos illumine o espirito...

AFONSO VARGAS.

## VELOCIPEDIA

*União Velocipedica Portuguesa—Commissão installadora—Adhesão e voto de louvor—O sport cyclista na Allemanha—Corrida de seis dias em Nova-York—Recordos—Em pleno inverno—Choreographia e cyclismo—Varietas noticias.*

Hontem, 14, effectuou-se na redacção do *Tiro Civil* uma reunião, com o fim de tratar da installação da União Velocipedica Portuguesa. Estiveram presentes representantes dos clubs cyclistas, e de outras associações de Lisboa que contam no seu gremio elementos velocipedicos, alguns membros da imprensa, entre os quaes mr. Beauvalet Taffard, correspondente do diario parisiense *Le Velo*, varios commerciantes de velocipedes, e diversos cyclistas que, na cruzada a favor da *União*, mais se tem distinguindo pela sua dedicação e entusiasmo.

A sessão abriu cêrca das 9 horas da noite, sob a presidencia do director d'esta revista, o sr. Anselmo de Sousa, que para esse cargo a assembleia elegeu por aclamação. De secretarios serviram os srs. Domingos Freire Teixeira Marques, que representava o Real Club Velocipedista de Portugal, e o redactor d'esta secção.

Expostos pelo sr. presidente os fins da reunião, e a necessidade de constituir sem demora, ainda que provisoriamente, a projectada federação velocipedica portugueza, foi proposta e eleita por aclamação a seguinte commissão installadora:

MEZA

*Presidente*, Anselmo de Sousa; *vice-presidente*, Frederico Pinto Basto; *1.º secretario*, Luiz Magalhães Fonseca; *2.º*, Domingos Freire Teixeira Marques.

ADMINISTRAÇÃO

*Presidente*, Annibal Pinto; *vice-presidente*, dr. Eduardo de Sequeira Oliva; *secretario*, Emilio Segurado; *thesoureiro*, Joaquim José Gonçalves Ferreira; *vogaes*, Augusto de Sousa Magalhães e Benito Perez y Dominguez.

ESTATUTOS E REGULAMENTOS

*Presidente*, D. Miguel d'Alarcão; *vice-presidente*, Gastão d'Almeida Santos; *secretario*, Alberto Carlos Calleya; *vogaes*, Julio Correia de Sá, José Maria Veiga Re-

go, Carlos Henrique Bleck e Luiz Magalhães Fonseca.

PROPAGANDA

*Presidente*, Frederico Pinto Basto; *vice-presidente*, L. de Mendonça e Costa; *secretario*, Francisco dos Santos Diniz; *vogaes*, Valentim Pinto, Carlos Callixto e Luiz Saude Junior.

Em seguida á eleição foram tomadas varias deliberações, entre as quaes a da commissão eleita poder aggregar a si qualquer individuos que se prestem a auxilia-los nos seus trabalhos, a de substituir, sem dependencia da formalidade de nova eleição, algum socio que porventura venha a escusar-se do cargo para que foi eleito, a de conceder a todas as diversas secções da commissão ampla liberdade de procedimento, a da fixação da quota annual na quantia de 1\$200 réis, paga adiantadamente e por uma só vez, e a de não considerar os socios definitivamente inscriptos senão depois do pagamento da referida quota.

Eis, ao correr da penna, o que de mais importante se passou na alludida reunião, que fechou com um discurso em francez do nosso collega do *Velo*, Beauvalet Taffard, agradecendo o acolhimento que lhe fôra dispensado, fazendo a largos traços a historia do cyclismo em França, da influencia n'elle exercida pelas associações e principalmente pela União Velocipedica d'aquelle paiz, animando, com palavras de caloroso incitamento, a fundação da União portugueza, e offercendo finalmente a esta todo o seu concurso individual e o do *Velo*.

Deve pois considerar-se installada a União portugueza, e com ella lançadas as bases do futuro engrandecimento do cyclismo nacional. Dirigida com acerto e firmeza para o fim que se propõe, cumprindo á risca o vasto e complexo plano que lhe está traçado, a União—crêmol-o firmemente—não tardará em afirmar-se, e em vêr fructificar a sua acção em beneficos e vantajosos resultados.

\*

O Sport Club, em sessão da assembléa geral de I do corrente, approvou por unanimidade a seguinte proposta, que lhe foi apresentada pelo socio sr. Ernesto Oliveira Reis:

«Considerando que a União Velocipedica Portuguesa constitue o unico meio para o resurgimento da velocipedica em Portugal;

Considerando que d'essa união podem e devem advir beneficos incontestaveis para todos os cyclistas;

Considerando que o nosso Sport Club conta em seu seio elementos velocipedicos;

Considerando que um dos iniciadores da União é o nosso presidente honorario da Assembléa geral o sr. Anselmo de Sousa.

PROPOZICÃO

1.º—Que o Sport Club lance na acta um voto de louvor aos srs. Anselmo de Sousa e Magalhães Fonseca pelos seus trabalhos em prol da velocipedica;

2.º—Que o Sport-Club adira calorosamente á ideia da fundação da União Velocipedica Portuguesa, e que n'este sentido se officie á redacção de *O Tiro Civil*;

3.º e ultimo—Que se felicite o nosso consocio Alberto Carlos Calleya por ver realisadas as suas aspirações, e prestes a virar a sua propaganda de ha muito para a fundação de uma União Velocipedica em Portugal.»

Publicando esta proposta, não o fazemos por vaidade, que é pecha que ninguém com justiça nos poderá attribuir—o que entretanto nos não impede de agradecermos reconhecidos o louvor, embora immerecido, que



nos foi votado.—Fazemol-o por motivos de justa consideração pela sympathica sociedade, e sobretudo de devido apreço pela sua espontanea adhesão á União Velocipedica Portugueza.

Durante a estação sportiva do corrente anno effectuaram-se nos velodromos da Allemanha 235 espectaculos de corridas cyclistas. Em 1897 o numero d'esses espectaculos foi de 242 e em 1898 de 236, isto é, muito approximadamente o mesmo nos trez referidos annos.

Os premios aos corredores é que diminuíram muito de valor no corrente anno. Em 1897, que foi quando o sport allemão principiou a adquirir importancia, os profissionais receberam em premios 162:880 marcos, ou sejam 36:648\$000 réis da nossa moeda, em 1898 receberam 232:075 marcos ou 52:216\$875 réis, e em 1899 apenas 150:800 marcos equivalentes a 33:930\$000 réis.

Não obstante, os corredores foram igualmente numerosos, e as provas disputaram-se com a mesma energia que nos annos anteriores. E' que baixaram as pretensões exageradas de grandes lucros, e os mais famosos campeões, que anteriormente só se dignariam tomar parte em provas cujo primeiro premio não fosse inferior a 90\$000 réis, fazem-no agora por um premio de 30\$000 réis.

Accrescentemos que em França, onde este anno se effectuaram esplendidas corridas, o valor total dos premios com que ellas foram dotadas pouco excederia uns 20:000\$000 réis, o que tudo demonstra que não é exclusivamente o amor do lucro o estímulo para o desenvolvimento d'estes torneios.

Pelo que respeita ao sport allemão diz o jornal d'onde tiramos estes dados que elle progrediu bastante, e todavia só lhe foram concedidos em premios 2:385 objectos de arte, contra 2:692 em 1898 e 2:742 em 1897.

Apesar de tudo a Allemanha continuou a ser no corrente anno, para os cyclistas corredores, amadores ou profissionais, de uma verdadeira prodigalidade em generosos premios.

Assim Huber, que se revelou o melhor corredor allemão profissional, ganhou 27 primeiros premios, embolsando, além do que lhe deram as casas por cuja conta correu, 8:828 marcos, ou sejam 1:986\$300 réis. Vem em segundo lugar Franz Verheyen com 22 victorias e 6:806 marcos ou réis 1:531\$350 de premios, em terceiro Seidl, victorioso sómente 9 vezes, mas com 5:545 marcos ou 1:247\$626 réis, e em quarto lugar o ex-campeão do mundo Willy Arend, vencedor 10 vezes, nas quaes ganhou 5:430 marcos (1:221\$750 réis).

De 3 a 9 do corrente realisou-se em Nova-York a grande corrida classica de seis dias, em cuja organização, como já referimos, foram este anno introduzidas grandes modificações, em resultado de disposições tomadas a este respeito pelas autoridades americanas. Assim, embora a prova durasse, como as anteriores, 142 horas consecutivas, a nenhum corredor foi permitido conservar-se, no decurso de cada 24 horas, mais de 12 em pista, sendo a corrida, portanto, disputada por equipos de dois corredores. Torna-se-nos impossivel, no presente numero fazer uma resenha completa da monstruosa prova, da qual nos limitamos, por isso, a dar os resulta-

dos, reservando para a chronica seguinte informar os leitores, tão minuciosamente quanto nos seja possivel, de todos os incidentes e peripiecias d'essa lucta cyclista, que tanto interesse e curiosidade desperta todos os annos.

Os alludidos resultados foram os seguintes:

- 1.º Miller-Walber, 4:398 kil. 37 m.
- 2.º Mayo-Mac Eachreu, 4:397 kil. 717 m.
- 3.º Grium-Pierce, 4:397 kil. 557 m.
- 4.º Fischer-Chevallier, 4:397 kil. 397 m.
- 5.º Stevens-Turville, 4:396 kil. 917 m.
- 6.º Babcock-Stinson, 4:396 kil. 757 m.
- 7.º Forster Shineer, 3:919 kil. 524 m.

Em Turim, Muller bateu os recordos italianos da hora e dos 100 kilometros com treinadores, cobrindo na hora 48 kil. 454 m. (recordo precedente 47 kil. 380 m.) e fazendo os 100 kilometros em 2 h. 12 m. 8 s.  $\frac{2}{5}$  (recordo precedente 2 h. 30 m. 32 s.  $\frac{3}{5}$ .)

Na pista de Chicago, Major Taylor bateu o recordo de  $\frac{1}{4}$  de milha, partida em andamento, cobrindo esta distancia (402 m.) em 20 segundos exactos. O precedente recordo pertencia a Platt-Betts em 22 s.  $\frac{1}{5}$ . Taylor foi treinado por uma quadrupeleta a vapor.

Na mesma pista o mesmo corredor, treinado por um tandem a vapor munido de corta-vento, cobriu a milha (partida em andamento) em 1 m. 19 s. Até então o melhor tempo, em eguaes condições, era o de 1 m. 21 s.  $\frac{2}{5}$ , por Mac Dufee.

Depois de quasi um mez consecutivo de delicioso outomno, tepido e caricioso, bateu-nos emfim á porta o carrancudo inverno, trazendos os seus dias soturnos, de céu plumbeo e chuva persistente, que transforma as ruas em lameiros intransitaveis. Evidentemente durante taes dias torna-se por completo impossivel o uso da bicycleta, ainda mesmo para os mais arrojados, não só porque ella não permite a adopção de um resguardo que proteja efficazmente o cyclista contra as catadupas celestias, como tambem pelo perigo constante que a lama representa, em virtude dos escorregamentos a que dá causa frequente.

Por tal motivo n'esta quadra do anno é sabido que o cyclismo se retrahe, para só voltar a expandir-se quando apontam os formosos dias de primavera. Entretanto, nos dias de inverno secos e frios — que não são raros — a bicycleta é incontestavelmente um dos melhores meios de locomoção, pois que o cyclista, forçado a pedalar, faz um exercicio que lhe activa a circulação do sangue, e por conseguinte como que se sente envolvido n'um ambiente de suave e tepido calor. Recommendamos pois para esses dias, quando o estado dos caminhos o permitta, e com o excellent meio para afugentar o frio, que na inacção nos repassa até á medulla, as digressões velocipedicas, tão agradaveis e recreativas.

Sobre a influencia da dança na bicycleta, e das vantagens que offerece o alliar a pratica de uma com a de outra, escreve o jornal inglez *The Lady Cyclist*:

«Quem seguiu um curso de dança regular, sustentar-se-ha em equilibrio sobre a sua machina quasi á primeira tentativa, pois que os movimentos da dança lhe terão ensinado a arte de equilibrar-se, que é no que consiste todo o cyclismo. Para se reconhecer uma boa dançarina, será bastante a sua attitude, á sua posição na sella.»

Esta opinião do jornal citado deve animar todos os apaixonados e apaixonadas da choreographia, que não são em pequeno numero, a ensaiarem o cyclismo.

O Touring Club de França realiza todos os annos um baile chamado dos cantoneiros, cujo producto liquido reverte em favor da caixa de soccorros instituida por aquella poderosa associação,

para acudir ás difficuldades da vida dos modestos funcionarios a quem incumbe a conservação das estradas. O ultimo d'estes bailes produziu uma receita de 4:000 francos, que junta á subvenção votada pelo conselho administrativo do Touring Club, permittiu distribuir em soccorros mais de 10.000 francos. O baile d'este inverno terá logar em 6 de janeiro proximo, e espera-se que a receita proveniente d'essa festa seja ainda superior á que resultou da precedente.

Para depois de amanhã, 17, estão annunciadas, corridas no Velodromo D. Carlos, em Algés, promovidas pelo Velo Club de Lisboa. As provas, conforme o respectivo programma, serão em numero de oito, entre as quaes duas de tandems e a do Campeonato do Club, a cujo vencedor será concedida uma medalha collar de vermeil e prata, na posse da qual, todavia, só entrará definitivamente quando ganhe a corrida durante tres annos consecutivos.

Para 24 annunciava-se egualmente no mesmo Velodromo um match entre o corredor francez Raul Buisson, que presentemente se encontra em Lisboa, e o nosso compatriota José Maximo Correia. Este match resultou de um repto lançado por Buisson aos corredores portuguezes, com reserva a estes de estipularem as condições respectivas. José Maximo Correia aceitou o desafio, sendo as condições por elle propostas as seguintes: ser o match corrido em duas mãos, a 1.ª de 20 kil. com entrenadores, e a 2.ª de 10 kil. sem entrenadores, e em caso de empate uma 3.ª mão de 2 kil. tambem sem entrenadores.

Buisson será treinado por 1 bicycleta a petroleo e 1 tripeleta e um tandem ordinarios, e José Maximo Correia por uma tripeleta e dois tandems de motores humanos.

Além d'este match haverá uma corrida de amadores cujos premios serão medalhas de prata, e um desafio entre os entrenadores do match.

Tudo faz prever que as duas reuniões de corridas a que nos referimos serão brilhantes. Oxalá que o mau tempo, proprio da quadra que atravessamos, não impeça a sua realisação.

MAGALHÃES FONSECA.

## DIVERSAS

### Antonio Correia Pinheiro

Regressou a Lisboa da sua casa em Pedrogão Grande, este nosso bom amigo e assignante e digno thesoureiro da *União dos Atradores Civis Portuguezes*.

E' um atrador muito distincto e um elemento de trabalho a quem a *União* deve muitos e valiosos servicos.

### Dr. J. Mello Vianna

Chegou hoje a Lisboa no *Sud express* o nosso estimado amigo e collaborador dr. J. Mello Vianna, que depois de curta demora se retira para Paris onde está estabelecido ha dez annos, gosando de grande popularidade entre a colonia portugueza e brasileira, e dispondo de grandes sympathias entre os grandes mestres parisienses a quem se impoz pelo seu estudo aturado e trabalho activo.

A redacção de *O Tiro Civil* congratula-se com a estada em Lisboa do seu distincto collega a quem cumprimento affectuosissimo.

### Real Gymnasio Club Portuguez

Recebemos e agradecemos muito penhorados o convite para o festival que este prospero club realisou na noite de 9 do corrente. Por motivos alheios á nossa vontade não podemos assistir, o que muito nos penalizou.

Na noite de 19 proxima verifica-se o grande sarau no Colyseu, festas que só este club sabe e pode realizar e que são as primeiras no seu genero que se fazem em Lisboa. Além dos trabalhos já conhecidos, as novidades que se prepararam para essa noite, garantem uma enchente em que o imenso circo, ficará como de costume, á cunha.

### Sport-Club

No dia 9 do corrente commemorou este club o 3.º anniversario da sua installação, com um esplendido baile dado no vasto e magnifico salão da rua da Escola Polytechnica, 219. A festa decorreu sempre animadissima, dançando-se com *entrain* até altas horas, e primando a numerosa concorrência que teve, tanto de homens



como de senhoras, pela mais distincta correção. A direcção do *Sport Club* agradecemos penhorados a amabilidade dos convites com que nos distinguu.

### Coimbra

Gorou, por causa do mau tempo, o passeio official velocipedico *inter-Gymnasios de Coimbra e Aveirense* á Pampilhosa, que deveria ter lugar no passado dia 6; não se desistiu porém de o realizar, pois deseja-se por meio d'elle estreitar relações entre duas agremiações que tem um fim identicamente sympathico, educar physicamente os seus associados.

Está negociado entre o *Gymnasio Aveirense* e o *Gymnasio de Coimbra* um *Match de Lawn-Tennis* que se realizará no proximo mez de janeiro n'aquella cidade. O *Gymnasio de Coimbra* tambem conta que um *team Aveirense* venha aqui bater-se no *Foot-ball*.

Começaram já os ensaios para o sarau do *Gymnasio de Coimbra*, no qual, consta-nos, virá tomar parte o sr. João Gagliardi, que prestará desinteressadamente o seu concurso fornecendo um numero de *equitação*. Nos ensaios dos *Grupos de Tapele* muito auxilio tem prestado o sr. Augusto Alves Affonso. Alves Affonso foi um

valente e corajoso gymnasta: aqui ha uma duzia d'annos passava as suas horas d'ocio pelos *Gymnasios de Coimbra*, extinto *Gymnasio de S. Paulo* (Lisboa) e *Real Gymnasio Club Portuguez*, deixando o seu nome bem vinculado em diferentes saraus d'estes clubs. Depois d'uma longa permanencia em Africa encontra-se temporariamente entre nós, e oxalá que fosse por muito tempo, pois com isso muito teria a lucrar o *Gymnasio de Coimbra*.

ZICO PEDAL

### Agradecimento

O nosso collega *O Povo de Barca* transcreveu parte do ultimo artigo *O Transvaal* do eminente escriptor o sr. Fernandes Costa e que publicámos em o n.º 175 da nossa Revista; Agradecemos a amabilidade, só lhe esqueceu, porém, dizer a procedencia do artigo transcripto.

### Shamrock

Do nosso estimado collega o *Heraldo* de Ponta Delgada, transcrevemos a seguinte noticia:

«Chegou hontem ao nosso porto o *yacht* inglez, apparelhado a cutter (de vela), procedente de N. York, denominado *Shamrock*, tripulado por 49 pessoas. Este navio, construido de aço e

aluminium, segundo nos informam, foi expressamente destinado a correr na regata ha pouco realisada em New York, sahio dos estaleiros de Chiswick e pertence a Sir Thomas Y. Lipton. E' de modelo exquisito, completamente novo, e mede 40 pés do comprimento. A sua tonelagem é de 250, grossas, por 43 de registro. Vem rebocado de New-York pelo *yacht* a vapor *Erin*, navio elegante, cuja tonelagem é de 1242, grossas, e 470 de registro. E' tripulado por 53 pessoas e pertence ao mesmo dono do *Shamrock*. Está matriculado no «Royal Ulster Yacht Club». Toma 200 toneladas de carvão e segue para Southampton. O *Shamrock* cala 25 pés e custou 80 mil libras.»

### EXPEDIENTE

Por absoluta falta de espaço ainda este numero não podemos publicar todos os originaes que temos em nosso poder, do que pedimos desculpa aos nossos estimaveis colaboradores. No proximo numero porém contamos que todos serão attendidos.

O *Tiro Civil* vae entrar no VI anno de publicação e esperamos continuar a merecer-lhes a mesma coadjuvação que até hoje nos tem dispensado.

## Caçadas Portuguezas

Paizagens — Figuras do Campo

POR

ZACHARIAS D'AÇA



COM O RETRATO DO AUCTOR

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias

## AGENCIA HAVAS

RUA DO OURO, 30

Recebe annuncios para esta publicação.

## DEPURATIVO DIAS AMADO

(SEM MERCURIO)

Analysado pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr Augusto Rocha e mr. Charles Lepierre, da Universidade de Coimbra.

Este maravilhoso preparado pharmaceutico, de sabor e aroma muito agradaveis, pode ser tomado por adultos em qualquer epoca do anno. E' o melhor de todos purificadores do sangue até ao presente conhecidos e tem sido empregado sempre com feliz exito no tratamento da syphilis e do reumatismo, molestias de pelle, feridas antigas, padecimentos do estomago, etc., etc.

Deposito geral — Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo, 99 e 101.

PREÇO DE CADA FRASCO 1\$000 RÉIS

## EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas), Caes do pico e Fayal.



Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio Xavier d'Andrade no dia 20 de Dezembro ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

## CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podha deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.



SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa

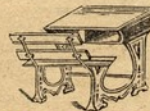
## Companhia Industrial Productora DE PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornoso, 148

LISBOA

## ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo Fructas nacionaes e estrangeiras Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41 LISBOA

## POR 500 RÉIS SEMANAES



105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

## Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.ª New York America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espanha* cães.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY

Columbia



DOPE MANUFACTURING CO HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT

## Consultorio dentario

Saturio Augusto Paiva  
Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º